

TRANSCRIÇÃO DE ENTREVISTA

Entrevistadora: Marina Lee Bernardi

Entrevistada: Ingrid Sá Lee

São Paulo, 16 de maio de 2025

Duração: 24 minutos

Realizada por meio de texto e áudio no WhatsApp

ENTREVISTA COM ING LEE¹

Marina: Em primeiro lugar, você poderia se apresentar brevemente?

Ingrid: Meu nome é Ingrid, mas faço uso do nome artístico Ing Lee :) Tenho 30 anos recém-completos e sou filha de pai coreano imigrante com mãe brasileira. Também sou surda oralizada e pós-lingual. Atuo como ilustradora há 7 anos.

Marina: Como foi ingressar na área de ilustração de capas de livros?

Ingrid: Da capa de livro, eu comecei a trabalhar com capas em 2021, mas eu atuo como ilustradora desde 2018, então são mais ou menos sete anos, assim, de carreira. O que eu posso dizer é que, tipo, desde 2016 eu participava muito de feiras gráficas. Eu não sei se você está habituada com esse ambiente de feiras gráficas, mas feiras são justamente lugares feitos para você comercializar o seu trabalho. Geralmente os artistas expõem em mesas, e aí nas suas mesas eles colocam os seus trabalhos, podem ser tipo: pôsteres, adesivos, publicações, tipo HQ, zine, sabe? Coisas impressas assim para vender. Eu participava muito dessas feiras, tanto em Belo Horizonte, que era onde eu morei até 2023, quanto em São Paulo também. Eu vinha bastante para São Paulo para participar dessas feiras, até porque em São Paulo o público era maior, né? E eu participei ativamente assim, num ritmo que tipo, chegava a participar de, sei lá, pelo uma feira por mês em 2019. Acho que foi o ápice de eu ir sempre em feiras assim, ter esse fluxo constante.

(...) Mas em 2020 veio a pandemia, né? E isso mudou um pouco meus planos, mudou um pouco o meu modus operandi, e aí eu comecei a trabalhar de casa, com o isolamento social e tudo mais. E aí nisso chegou a alguns freelas de ilustração, fui fazendo, fui aumentando minha cartela de clientes, fui expandindo meu trabalho; comecei com isso em 2020, aí em 2021 fiz minha primeira capa que foi “Amor, mentiras e rock & roll”, que é de um autor coreano-americano que é o David Yoon. E a Companhia das Letras me chamou, né, do selo da editora Seguinte, que é um selo da companhia. E já comecei por uma editora bem grande, é uma das maiores do Brasil, né? A Companhia das Letras. E como essa diretora de arte da companhia já chegou *para mim*, é... Ela se liga muito às feiras né, porque, por eu ter participado dessas feiras e tal, o meu trabalho acabava chegando a algumas pessoas que foram estratégicas assim (campanha na casa da Ingrid toca). Ih, tocou a campanha, pera aí...

¹ Todas as perguntas desta transcrição foram redigidas textualmente e respondidas por áudio pela Ingrid, com exceção da primeira pergunta, que foi respondida por texto. Para manter a naturalidade, os áudios foram transcritos com a inclusão dos conectivos informais de locução.

(...) Desculpa, quando toca a campainha minha cachorra late (risos), acho que é porque eu não escuto direito, aí ela late bastante assim, sabe? Mas enfim, voltando. Por eu ter participado dessas feiras eu acabei, tipo, ampliando isso tudo com o meu trabalho de uma forma meio analógica, ao vivo, né? As pessoas tinham esse contato estando lá e vendo meu trabalho. E aí assim eu tive a sorte de, tipo encontrar, esbarrar em algumas pessoas estratégicas assim, nessas feiras, que conheceram o meu trabalho e com isso acabaram me trazendo outras oportunidades fora das feiras. E aí a Ale Kalko, que é a diretora de arte da Companhia das Letras, ela conheceu meu trabalho através dessas feiras, assim. Ela comprou um quadrinho meu, que era o Karaokê Box, e ela gostou muito e ela guardou, tipo, pensando: “ah, quando tiver oportunidade eu vou chamar a artista pra fazer uma capa comigo”. E foi isso que aconteceu. Dois anos depois, provavelmente, que eu lancei esse Karaokê Box em 2019, ela me chamou e foi assim que ela chegou no meu trabalho, inclusive. E eu achei isso muito legal, porque mostra que uma coisa assim acaba meio que enganchando na outra, aí eu acho que por isso assim eu comecei a fazer essa capa. Eu fiz essa capa e desde então não parei de fazer capas, né? Eu comecei a fazer uma capa, aí me chamaram pra outra e comecei fazendo alguns títulos assim, mais de autores coreanos. Aí depois eu comecei a pegar mais de outros autores também, de outras autorias e diversificando mais, assim, o meu portfólio. E hoje em dia eu trabalho com capas.

(...) Eu faço algumas para editoras estrangeiras também e até ganhei aquele prêmio, né, dos jovens talentos da PublishNews, que é o Prêmio Jovens Talentos da indústria do livro, que ela é voltada para tipo, todo mundo que trabalha no livro, não só capistas, né? Mas tipo, gente que trabalha na área de marketing, em editorial... Então eles escolhem uma pessoa, tipo, de toda indústria do livro que se destacou, assim, e aí eles mandam essa pessoa para a Feira do Livro de Frankfurt. E aí eu fui a vencedora do ano passado e eu fui a primeira pessoa da categoria de capista e criativa no geral, assim, da indústria do livro a ganhar. Inclusive, meu discurso assim, ele trazia muito essa pauta da IA e dessa valorização, né, dos criativos assim, que estão sendo cada vez mais precarizados nesse mercado. E aí eu fui premiada e eu acho que isso me trouxe um destaque grande assim, validou bastante essa minha carreira enquanto capista.

Marina: De que maneira você diria que a sua identidade coreano-brasileira contribuiu para o seu processo artístico?

Ingrid: Cara, eu diria que muito da minha identidade coreano-brasileira vem de um lugar da falta assim, dessa ausência, esse lugar de tipo... Enquanto uma pessoa birracial, cuja pessoa com ascendência coreana, migrante coreana, é meu pai, a minha mãe é brasileira; meu pai como patriarca coreano nunca foi de passar questões de cultura coreana etc. Não era uma prioridade para ele de forma alguma me inserir na comunidade nem nada do tipo. Então fui criada de uma forma muito alheia à comunidade, assim. Eu acho que o que me instigou a buscar referências assim, coreanas no meu trabalho, de abordar temas da imigração, da diáspora etc. veio muito desse lugar assim, de tentar me entender. Eu acho que para mim foi um ponto de partida, sabe? Para mim não é tipo, uma destinação, assim.

(...) Inclusive a Laís Miwa Higa, que ela é uma pesquisadora sobre Okinawanos no Brasil, a comunidade Uchinanchu, que são os indígenas que moram no Japão e tal, ela menciona, ela cita que, tipo, **a identidade ela não pode ser o destino, mas sim um ponto de partida**. E eu acho que essa fala dela assim me faz ter insights muito bons em relação a isso. Eu diria que a identidade realmente para mim foi o meu ponto de partida assim, sabe? Não é meu fim, não é meu destino, não é o lugar onde eu quero parar. Eu acho que o meu trabalho não se resume só a isso também, mas eu acho que contribuiu, né? Para eu começar a pesquisar e formar um pensamento mais crítico no meu trabalho e na forma que eu quero conduzir essas narrativas assim, sabe?

Marina: Como sua condição auditiva influencia sua criação e atuação profissional? Quais são suas maiores dificuldades?

Ingrid: Eu tenho uma perda auditiva de grau moderado a severo. Temos essas categorias de perda auditiva: temos de grau leve, moderado, severo e profundo. Eu não sou sinalizada, eu sou uma pessoa surda pós-lingual² e sou surda oralizada. No sentido, tipo, eu descobri que minha perda auditiva tinha piorado porque quando eu era criança eu tinha uma perda leve e os otorrinos falavam tipo: “ah, não precisa se importar, não vai influenciar muita coisa”. Mas quando eu era adolescente, com 15 anos de idade, fiz as audiometrias e constatamos que a minha perda tinha aumentado bastante. E aí eu comecei a fazer uso de aparelho auditivo, que é diferente do implante coclear; implante coclear você tem que fazer cirurgia, aparelho auditivo que você usa como se fosse o óculos, mas ao mesmo tempo, ele não é como um óculos no sentido de que tipo, você põe o óculos e você automaticamente consegue enxergar tudo em HD, assim. Não é assim com aparelho auditivo, porque ele aumenta, ele amplifica, ele te ajuda, mas você não vai escutar como um ouvinte, sabe? Você não vai escutar como uma pessoa que tem uma audição em níveis considerados normais, sabe? Então, é só para contextualizar, esse é o meu tipo de perda auditiva: eu descobri quando tinha 15 anos, já era alfabetizada em português, faço uso de leitura labial, então... Eu não sinto, tipo, essa urgência de aprender libras, mas eu gostaria, até para me inserir mais na comunidade surda.

(...) Acho que são mais dificuldades cotidianas mesmo. Por exemplo, quando eu participava mais de feiras, nas feiras eu tinha essa dificuldade auditiva um pouco assim, pegava justamente em eventos maiores, mais barulhentos, assim. E aí às vezes eu até colocava uma placa, tipo: “tenha paciência comigo, eu tenho deficiência auditiva, fale mais alto”. Mas, no mais é isso assim, eu acho que no quesito de criação e atuação profissional, acho que é mais esses pequenos ajustes de, sei lá, por exemplo, vou fazer uma videochamada com um cliente, tem que ser no Google Meet porque ele dispõe legenda, legendagem ao vivo e me ajuda a entender o que a pessoa está falando. Principalmente para cliente estrangeiro assim, porque, por mais que eu tenha um inglês bom, as legendas me ajudam a entender a totalidade do que está sendo dito.

² A surdez pós-lingual refere-se à perda auditiva que ocorre após o indivíduo já ter adquirido a linguagem e a capacidade de se comunicar oralmente.

Marina: Quais foram as maiores dificuldades que você enfrentou no mercado editorial?

Ingrid: Eu acho que... Eu senti que me passavam muito livros de autoria coreana e eu comecei a perceber um pouco que como outros ilustradores eles acabam pegando uma gama mais ampla de livros do que eu, e em alguns momentos, por mais que eu me sinta bem assim, eu gosto de fazer capas para autores coreanos, têm muitos autores que eu gosto assim, inclusive, e eu acho que talvez é muito melhor uma pessoa de ascendência coreana estar fazendo uma capa do que um outro ilustrador branco qualquer assim, para fazer de um livro de autoria asiática assim, né, que geralmente acontece. E, só que eu, sei lá, eu sinto que às vezes eu tinha uma questão de me sentir um pouco enclausurada nisso. Mas, com o tempo, eu acho que eu fui quebrando, sabe? Fui pegando outros títulos e tal e mostrando que não é só isso, sabe?

(...) E no mais, eu acho que a minha dificuldade mesmo é que, tipo, o mercado editorial brasileiro ele não, você não ganha muito bem, sabe? Com ilustração. Então eu tenho me voltado mais a pegar trabalhos com editoras estrangeiras, que é uma coisa que eu recebo mais assim, sabe? Mas ultimamente eu ando tipo, querendo mais dar cursos para o pessoal e formar uma nova geração assim, de capistas que tem uma consciência legal assim de tipo, de como se inserir no mercado, como cobrar de uma forma justa, como se impor, né, nesse mercado, para que agências vai dar. Então, eu quero que tipo o meu curso seja uma coisa meio disso assim, de formar realmente profissionais que possam moldar né? Mudar um pouco esse mercado assim, nesse sentido.

Marina: Qual a sua opinião sobre o uso e o impacto da inteligência artificial na arte?

Ingrid: Eu acho que, tipo, o impacto é em sua maioria assim negativo, justamente pela forma como ela está sendo conduzida, né? A inteligência artificial está sendo enfiada na goela não somente como uma ferramenta, mas uma forma de tornar os custos mais baratos, de baratear custos, de precarizar consequentemente os trabalhadores de criação ou de querer até mesmo tipo, barrar e derrubar direitos autorais, assim. Tipo, tá rolando, não sei se você viu, uma guinada financiada por big techs para realmente, tipo, derrubar todas as questões no quesito de direito autoral que foi conquistado até hoje assim. Não há nenhum respaldo, não há nenhuma autoria e eles querem se apropriar e... É uma coisa muito predatória, sabe? É uma coisa extremamente predatória e uma mentalidade absurdamente colonizadora assim, sabe? Eu acho horrível, assim. Eu acho que, tipo, eu me recuso a usar IA no meu trabalho, eu não uso IA no meu trabalho como ilustradora. Eu me posiciono muito fortemente a favor da regulamentação da IA.

(...) A IA ela tem que ser usada e desenvolvida com responsabilidade, e inclusive é uma responsabilidade com o meio ambiente assim, porque já foi comprovado e já tem vários estudos que demonstram que, tipo, a forma como a IA está sendo desenvolvida ela se apoia muito na questão do ambiente, assim, ela suga vários recursos ambientais, principalmente a

água³, de uma forma que é avassaladora. Tipo, um prompt é equivalente, daqueles do Studio Ghibli, por exemplo, é equivalente a 5 minutos no banho. É um gasto de água, um gasto energético assim, se a gente for levar a proporção disso, que isso tomou, né, virou uma *trend*, né? Cara, é absurdo assim, um gasto imenso assim de água, um gasto absurdo assim, que tipo, que vai piorar e vai tipo, fazer com que todo esse aquecimento global que está rolando, vai piorar assim, por conta disso. Se não regulamentar, se não, tipo, ver formas mais sustentáveis disso ser feito... Não, eu sou totalmente contra aquela mentalidade derrotista assim, aquela coisa aceleracionista de “ah, temos que nos acostumar com a IA”, ou de falar que, tipo, “a IA é como a fotografia para os artistas realistas”. Não, não é, porque a foto, ela não é uma coisa, tipo, não é uma cópia, sabe? Tipo, ela não reproduz com perfeição etc. Tanto que é uma expressão artística per si. A IA não é uma expressão artística, a IA é uma forma de preda— é, preda a criação artística, colonizar, usar, fazer uso sem permissão de várias criações artísticas e fazer peças novas assim, entre aspas novas, que são só, tipo, uma fusão, uma quimera absurda assim de vários trabalhos roubados, sabe? Eu acho que isso não é uma forma ética de se construir arte, isso não é uma linguagem artística, isso não é, tipo, uma forma de acessibilizar arte.

(...) Acessibilizar a arte? Cara, você fala de acessibilizar alguma coisa, você tem que tipo, para mim acessibilizar a arte é tornar o ensino de arte no Brasil uma coisa, tipo, com qualidade maior, sabe? Mais acessível, é tornar espaços culturais mais acessíveis para a população em geral; tornar materiais artísticos mais acessíveis para a população, mais baratos; tornar, tipo, programações culturais também mais acessíveis, não ser só uma coisa tipo, que certas classes socioeconômicas conseguem acessar, sabe? É ampliar esse acesso para que pessoas comecem a tipo, ser estimuladas a criar. É ter um mercado de trabalho que seja sustentável o suficiente para que pessoas consigam trabalhar com arte, sabe? É absurdo assim, tipo, é uma coisa totalmente horrível assim, a forma como está sendo e ela se alia totalmente ao neofascismo global assim, desse movimento, dessas big techs, o Elon Musk etc. Esses caras, esses bilionários. É isso.

Marina: Como você lida com bloqueio criativo e procrastinação?

Ingrid: Bloqueio criativo, eu acho que é uma coisa que meio que faz parte do processo artístico assim, de alguma maneira ou outra, sabe? Eu acho que em algum momento você vai se sentir que você está ainda bloqueada, as ideias ainda não vieram, sabe? Nem sempre ele flui tão, tipo, numa forma tão concisa, tão consistente assim, sabe? Então acontece assim, esses altos e baixos durante a produção de alguma peça, de alguma obra, de alguma ilustração, é natural que aconteça. Então, eu tento encarar nesse sentido assim, que tipo, que vai acontecer, mas eu tenho que buscar formas de talvez driblar um pouco isso, ou só talvez descansar, sabe? Às vezes o bloqueio ele sinaliza um pouco que talvez você está muito bitolado com uma coisa e aí talvez você precise descansar. Eu acho que quando, muitas vezes quando eu estou tipo, eu sinto que não está fluindo e tal, eu deito e durmo (risos). Ou faço

³ Os centros de dados, que abrigam servidores de IA, consomem grandes quantidades de água para resfriamento.

outra coisa, sabe? Tento distrair a cabeça, descanso e tento de novo no dia seguinte ou dou um tempo maior pra isso, para ir criando essa... Esse tempo assim de descanso, esse ócio que é tão necessário assim no processo artístico. Eu acho que a gente ignora o quanto que ter um ócio, um período de ócio criativo faz bem assim, sabe?

(...) E nesse sentido assim, quando eu também estou me sentindo muito bloqueada, acho que não está fluindo, geralmente eu busco algumas referências, né? Eu acho que repertório para o artista é uma coisa que precisa ter, sabe? Pro seu trabalho amadurecer, para você também entender a si próprio, de onde vieram as suas referências e tal. Eu acho que pra você ser um bom artista, você precisa ter um bom repertório, e não um repertório que gira em torno somente daquilo especificamente no estilo que você faz, como também ir para outros lados amplos. Tipo, sei lá, um filme de terror, por exemplo, que não tem nada a ver assim, por exemplo, com um trabalho meu, e ao mesmo tempo, algum dia pode ser que esse repertório seja útil, sabe? Pode ser que um dia eu possa pegar, sei lá, um freela sobre alguma coisa de terror e eu tenho essa bagagem, sabe? Então, até porque pra ser ilustrador eu diria que, tipo, você precisa pesquisar, faz parte da profissão do ilustrador esse processo de pesquisa, assim. Então, geralmente que me ajuda realmente, tipo, resumidamente, é descanso e pesquisa. Eu acho que é descansar, pesquisar, buscar referências, sabe? Eu acho que geralmente são as coisas que mais me ajudam quando eu estou passando por esses bloqueios criativos.

(...) Procrastinação é uma coisa que tipo, procrastinação nem sempre vem da preguiça ou irresponsabilidade, né? Acho que pode ser um pouco disso também, do tipo, às vezes o artista é imaturo e não consegue ainda lidar, não conhece ainda o seu processo, sabe? Eu mesma, eu confesso que dou uma procrastinada às vezes e tal, mas hoje em dia eu sou um pouco mais ciente de como é o meu modus operandi e eu percebo que realmente eu preciso de alguns espaços para não fazer nada e é isso assim, sabe? Então eu acho que é mais entender esse processo, assim, e ser mais gentil consigo mesmo.

Marina: Em que momento da sua carreira você se vê hoje?

Ingrid: Sinceramente, eu me vejo em um lugar confortável. Eu me considero, tipo, uma pessoa que conseguiu construir a carreira de um jeito que, tipo, esbarrei com muitas oportunidades boas, que é um misto de sorte, um misto de privilégios socioeconômicos, ao mesmo tempo que eu acho que tipo, também tem a questão do meu esforço, né? Mas eu não quero ter um discurso meritocrático que eu sei que, tipo, a realidade dos meus colegas, algumas pessoas assim é diferente da minha e infelizmente nem todo mundo consegue ter, sei lá, um fluxo de trabalho como eu tenho assim, que é tipo, consigo me sustentar numa casa morando em São Paulo, assim, sabe? Que é uma das capitais mais caras no Brasil e eu consigo trabalhar só com isso, assim.

(...) Mas eu me vejo num ponto da minha carreira que eu me considero bem, assim. Eu me considero, tipo, uma pessoa que está crescendo e tal, ainda tem algumas coisas assim que eu quero conquistar e tal. Mas eu sinto que estou num ponto da carreira que eu gosto, assim, estou satisfeita com meu trabalho, estou satisfeita com tipo, as coisas que eu já fiz e estou

empolgada pra ver as próximas coisas que eu posso fazer, assim, e... Nesse ponto de carreira que eu estou, me sinto mais segura também de tipo, ministrar aulas e também de trazer de volta, né? À comunidade artística, de tipo... Formar novos talentos, formar novas gerações de artistas, de trazer uma forma de influenciar essas pessoas assim; e é tipo, realmente ter um mercado mais justo, um mercado com sede de comunidade mais forte, assim. Eu acho que pra mim essas são coisas importantes também, de tipo... De pensar o que eu vou deixar, né? Então eu já comecei a pensar nisso e através dos cursos que eu ando dando, eu acho que eu consigo, sabe? Trazer um pouco disso.

Marina: Por último, o que você ainda pretende alcançar como artista e pesquisadora? qual o seu projeto dos sonhos?

Ingrid: Eu gostaria de ter mais tempo para poder me debruçar em projetos pessoais de quadrinhos. Pro projeto pessoal, vale destacar né, é diferente eu fazer uma ilustração comercial e um trabalho autoral, assim, nem sempre essas duas coisas se esbarram. Por mais que tipo, meu traço tem uma autoralidade, é um traço que tipo, meus clientes me procuram porque eu tenho um traço autoral. Mas isso é diferente de um projeto autoral, no sentido de que eles me comissionam, já vêm com o briefing e é uma coisa que eu tenho que fazer dentro das limitações e para aquele fim. Então, um projeto pessoal, no caso, seria uma coisa que eu faria para mim, que eu faria do jeito que eu quero, enfim.

(...) No caso, eu sinto falta ainda de ter tempo de me debruçar nesses projetos assim, de ter tempo de ter um espaço assim na minha rotina para fazer. Porque quando você trabalha com ilustração comercial, tipo, o seu cérebro assim, a parte criativa está ocupada, né? E também tem a questão física; eu já tenho histórico de duas lesões na mão e já tive lombalgia, também. Então, essas coisas assim pegam bastante, eu não posso exagerar, sabe? Eu não consigo, tipo, trabalhar com freela, só freela comercial de ilustração e fazer uma HQ. É muito trabalho, é muito desenho, é muita coisa, não dá. Então eu sinto ainda um pouco essa frustração por esse lado. Mas sempre eu sou gentil, eu compreendo que, tipo, vai chegar o momento, eu estou vendo formas de viabilizar isso; mas eu ainda sinto um pouco falta disso, assim, de ter esse tempo de realmente poder me voltar mais a esse trabalho autoral, assim.

(...) E outra coisa, como pesquisadora, eu também tipo, sinto que eu deveria prestar mestrado (risos). Eu quero prestar mestrado, eu só não sei se ainda vai rolar esse ano, mas é uma vontade que eu ainda tenho. Então, enfim, mas o meu projeto dos sonhos atualmente é fazer um quadrinho sobre a história de imigração coreana. Inclusive eu estou no grupo de estudos sobre a imigração coreana e a gente anda— entrevistou algumas pessoas e tal. Está um pouco em hiato, mas a gente está fazendo outras coisas agora. A gente trouxe algumas propostas para o Festival de Cultura Coreana que vai acontecer agora em agosto, e a gente está querendo, tipo, pesquisar algumas coisas, algumas partes da história que ainda não foram abordadas o suficiente e eu queria trazer isso através de uma narrativa em quadrinhos, assim.

Marina: Obrigada por me conceder essa entrevista Ing, foi muito enriquecedora!